

Espera na emergência

O corte nas horas extras pagas aos médicos também torna o atendimento no setor de emergência mais lento. Para conseguir uma senha, o ajudante de cozinha José Cleito Mota, 24 anos, esperou duas horas com a filha de oito meses no colo. Ele chegou às 14h no hospital, preocupado com a febre, vômitos e diaréia da pequena Ana Luíza. Quando conseguiu a senha de número 167, Mota percebeu que ainda teria de aguardar o atendimento de outras 33 crianças. A média de atendimento na tarde de ontem era de 10 pacientes a cada hora e meia. Três médicos se revezavam na assistência às cerca de 300 crianças que passam pela emergência do HRAS todos os dias. "Ainda bem que eu tirei folga no serviço", disse, resignado, o morador da Barragem do Paranoá, ciente de que teria de aguardar pelo menos três horas.

A angústia dos pacientes também é compartilhada pelos médicos residentes, que passam cerca de dois anos em especialização em hospitais como o HRAS. Pela falta de condições de trabalho e pagamento de adicionais no salários, eles já pensam em entrar em greve. Ao todo, são 600 residentes na rede pública do DF. "Precisamos protestar porque não queremos correr o risco de o Ministério da Educação tirar os hospitais da cidade da lista de estabelecimentos credenciados para residência", explica Raelson de Lima, presidente da Associação Brasiliense de Médicos Residentes (Abra-mer). "Além das suspensões de cirurgias, inchaço nas emergências e atraso no pagamento de benefícios, ainda enfrentamos a falta de material e remédios."

O cancelamento das cirurgias adiáveis no HRAS decepciona residentes como Camila Pereira, 25 anos. Formada em Medicina no Piauí, ela escolheu Brasília para continuar os estudos e conseguir

uma especialização em Ginecologia e Obstetrícia. "Vim pra cá porque achava que era o melhor lugar do país", lembra Camila. A futura obstetra está preocupada com o reflexo dos cancelamentos de cirurgia em sua formação. "A prática em um centro cirúrgico faz parte da nossa residência e vai ficar faltando", lamenta a piauiense.

Camila espera que os residentes da área de cirurgia sejam remanejados para outras áreas do hospital. Mesmo assim, ela não consegue se desvincilar das pacientes que estão angustiadas, na expectativa pelas cirurgias. A residente conta que muitas mulheres passam meses esperando pelo tratamento. Fazem os exames pré-operatórios, se preparam psicologicamente para a cirurgia e, de repente, têm a operação cancelada.

CORAÇÃO

Elas não são as únicas obrigadas a esperar por uma solução para os problemas de saúde. No Hospital de Base, algumas cirurgias do coração também estão canceladas desde a semana passada. Faltam profissionais, equipamentos, remédios e muitos médicos têm de comprar material cirúrgico com dinheiro do próprio bolso para realizar as operações. Assim como no HRAS, só estão sendo feitas operações de emergência, como as de ponte de safena. Procedimentos como a revascularização do miocárdio e retirada de aneurismas na aorta, devem esperar ainda algum tempo.

A Secretaria de Saúde reconhece o problema da falta de recursos humanos e começou em abril um processo seletivo para a contratação de 441 novos profissionais. A maior parte das contratações ainda não foram efetivadas. E terão que ser adiadas a partir de agora com o início do período eleitoral — quando esse tipo de procedimento é suspenso.